



## ACÇÕES INTERDISCIPLINARES EM PROJETO INTERCULTURAL: NORTE AMERICANOS E INDÍGENAS TERENA

Maria Neusa G. Gomes de SOUZA<sup>1</sup>

### RESUMO

Apresentamos aqui as pesquisas preliminares referentes ao projeto interdisciplinar História, Artes e Línguas, em andamento desde 2015 do grupo de estudos e pesquisa em formação interdisciplinar de professores-GEPFIP, na linha diversidade cultural da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS no campus de Aquidauana/MS. Nosso objetivo é analisar as relações interculturais, identidade e práticas interdisciplinares nas ações desenvolvidas pelo projeto. O projeto se concretiza por meio de ações educativas entre os jovens americanos do norte, acadêmicos da UFMS e os jovens indígenas da etnia Terena. A metodologia da pesquisa de campo se desenvolveu pela participação ativa com o grupo, a observação, a descrição das atividades e a coleta dos depoimentos dos envolvidos. Para as análises utilizaremos a Interdisciplinaridade e Fenomenologia Hermenêutica. São nossos referenciais, Hall (2001), Candau (2008), Cintra (2014), Fazenda (2001) Ratund (2014), Bloch (2002), Silva (2012) entre outros.

**Palavras-chave:** Relações interculturais. Interdisciplinaridade. Identidade.

### ABSTRACT

Here are the preliminary research for the interdisciplinary project History, Arts and Languages, in progress since 2015, group of studies and research in interdisciplinary training of teachers-GEPFIP, cultural diversity line of the Federal University of Mato Grosso do Sul-UFMS on campus Aquidauana / MS. Our goal is to analyze the intercultural relations, identity and interdisciplinary practices in the actions developed by the project. The project is realized through educational activities among young Americans of the North, academics UFMS and indigenous youth of Terena ethnicity. The methodology of field research developed by active participation with the group, observation, description of activities and the collection of testimonies of those involved. For the analysis will use the Interdisciplinary Phenomenology and Hermeneutics. They are our reference, Hall (2001), Candau (2008), Cintra (2014), Fazenda (2001) Ratund (2014), Bloch (2002), Silva (2012) and others.

**Keywords:** intercultural, interdisciplinary, identity.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do curso de História da UFMS em Aquidauana/MS. Coordenadora do projeto de pesquisa História, artes e línguas, membro do grupo GEPFIP. Contato mnggs@hotmail.com. Pesquisadora da pluralidade cultural, regional e interdisciplinaridade.



## 1 INTRODUÇÃO

Nossas inquietações a respeito das interações interculturais surgiram em uma noite, em aula após ouvirmos uma aluna Terena e fomos impactados. Era uma aula de Prática de ensino de História I, do 1º ano do curso de História do Campus de Aquidauana/ MS da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Sua expressão para todos da sala sobre seu grupo étnico foi a seguinte: “*Não preciso deixar de ser quem eu sou para estar aqui na universidade, para conviver com as pessoas que não são da aldeia*”. Numa outra feita, outro aluno nosso se referiu a ele mesmo dizendo “*tenho uma tatuagem no braço aonde escrevi tenho orgulho de ser Terena, não me envergonho de ser Terena!*”. Após estes dois momentos, começamos a pensar sobre a convivência na cidade já que a maioria vem da aldeia todos os dias, a respeito de sua identidade e relação social. Estávamos acostumados a ver a maioria dos indígenas do nosso campus discreto, silencioso na sala de aula, pouco se manifestando. Aparentava ser próprio deles esta maneira de ser, fomos surpreendidos pela forma como aqueles dois se posicionaram, a segurança incomum, pouco vista em seu grupo étnico.

Esse acontecimento se uniu ao nosso cotidiano, as aulas de História com as orientações do Ministério da Educação, com a LDB<sup>2</sup> (1996), com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de História (2001)<sup>3</sup>; onde abordamos o estudo do local, a cultura brasileira e identidades etno-raciais<sup>4</sup>, e em didática explicamos também sobre a prática interdisciplinar de professores. O projeto em desenvolvimento História, Artes e Línguas<sup>5</sup> com a vinda dos americanos e os acadêmicos voluntários do curso de letras da UFMS, em ações na escola Terena, complementaram nossas inquietações a respeito da interculturalidade e identidade. A intenção da pesquisa e este artigo não é escrever a História da etnia Terena, mas o

<sup>2</sup> BRASIL. MEC/SEF, 1997. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/1996)

<sup>3</sup> BRASIL. MEC/Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de História, de 12 de dezembro de 2001.

<sup>4</sup> BRASIL. MEC/Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. , nos termos da Lei n.º 9.394/96, com a redação dada pelas Leis n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008, e da Resolução CNE/CP n.º 1/2004.

<sup>5</sup> Projeto História, Artes e Línguas se concretiza com a visita de grupos de jovens Luteranos de Michigan/EUA na Aldeia Terena em ações interdisciplinares educativas com professores e acadêmicos do campus do CPAQ-UFMS.



indígena Terena no contexto de sua vivência histórica, nas interações em particular analisando o impacto e pensar a identidade indígena no encontro intercultural.

Do “lugar” que estamos como diz Certeau (1982) do lugar social em que atuamos nos posicionamos diante das situações, por isso do campo da Histórica nos propomos a desenvolver o projeto, encetamos a metodologia de trabalho, o planejamento, com o grupo promovemos os estudos, em parceria articulamos ações praticas na universidade e escola indígena, para desvelarmos a problemática que nos impulsiona a avançar no saber humano, histórico, cultural e social.

De nossa formação conhecemos a Interdisciplinaridade a partir de Marc Bloch (2002) famoso historiador Francês da década de 30, que já defendia a abertura da História ao diálogo com outras ciências, criador da Escola dos Annales<sup>6</sup>, com Lucien Febvre, os quais lançaram um novo modelo de historiografia que originaria na Nova História. Nos primeiros números da revista dos Annales já apresentaram suas prerrogativas: o combate à história narrativa que não traz reflexões nem questiona causas, nem desdobramentos ou permanências e mudanças nos processos históricos; deixaram de lado a narrativa política tão praticada anteriormente; buscaram a compreensão de uma história “problema” com questões claras a serem pesquisadas, a abertura da pesquisa voltada a todas as atividades humanas, recorrendo à subjetividade, a individualidade como em Michelet, historiador francês que buscou a história dos subalternos ou minorias; e ainda a colaboração interdisciplinar, a religação dos saberes, o diálogo com outras ciências buscando um novo tipo de investigação e análise História.

Seguidores que somos de suas ideias, reconhecemos a importância da historiografia que não somente narre o acontecido como amplie o campo de visão do pesquisador, investigando as questões circulares e analisando as relações humanas em suas complexidades.

Entre outras coisas Bloch (2002) dizia que a História era a ciência dos homens no tempo, com isso afirmava que os homens são sujeitos históricos, atores em suas próprias vidas, sendo papel do historiador analisar as ações e ideias humanas no decorrer da temporalidade em seus desdobramentos. Combatia a ideia divulgada na época de que o objeto da ciência Histórica era o passado (que é uma palavra abstrata, portanto subjetiva).

---

<sup>6</sup> Annales nome dado a uma revista em 1929, por M. Bloch e L. Febvre trazendo a renovação dos estudos historiográficos gerando a História Nova.



Também afirmava que em cada época surgiam novos temas que inquietavam os pesquisadores.

Bloch in Burke (1997) afirmava que a pergunta que fazemos aos fatos, condiciona as análises. A palavra *fato social* foi apossada de E. Durkheim, e nenhum “objeto” tem importância na sociedade senão pelos significados que lhe atribuem oriundos das questões que o condicionam. O autor recebeu muita influência da sociologia de Emile Durkheim pelo qual reconheceu a importância da interdisciplinaridade. Ele defendia a abertura da História a dialogar com outras ciências e a utilização de conceitos da sociologia, antropologia, filosofia, geografia, letras etc. Achava importante o historiador regional combinar as habilidades de um arqueólogo, sociólogo, geógrafo, paleógrafo e etc. em seus estudos, não se limitando somente ao seu campo específico, mas utilizando métodos e teorias complementares para pesquisa, a coleta e análises do contexto.

Como historiadores discípulos dos Annales apoiando os diálogos entre as disciplinas, estamos aqui para relatar e analisar as ações dos homens em seu contexto, tempo e espaço por meio das questões que nos inquietaram, nosso tema contemporâneo, a questão que nos impulsiona: a interação intercultural e identidade.

## 2 A AÇÃO INTERCULTURAL NA ESCOLA

Para adentrarmos no campo geográfico e histórico da ação precisamos saber um pouco da etnia Terena e indígena brasileira. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE de 2016 a população indígena no Brasil com base no censo de 2010 constatou-se a existência de 230 povos diferentes, atualmente 305 etnias, e 275 línguas faladas. Aproximamos dos 896.917,00 indígenas sendo que no Centro-Oeste habitam aproximadamente 130.494,000.

Deste total supracitado, 25.000 são da etnia Terena no Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e ainda São Paulo. Distribuídos no Estado de Mato Grosso do Sul estão também outras etnias os Kinikinawa, Ofayé-Xavante, Guatós, Kaiowá, Kadiwéu, Guarani, Terena e Atikum. Conforme dados da Fundação Nacional do índio- FUNAI (2016). Aquidauana tem a maior concentração de aldeias indígenas do Estado. A cidade de Aquidauana tem muita população indígena assim como o campus da UFMS tem muitos alunos indígenas nos cursos.



Na semana de 30 de Maio de 2016 ocorreram ás atividades do projeto de pesquisa História, Artes e línguas, por meio das ações na Escola Municipal indígena Polo Felipe Antônio na aldeia Argola. A aldeia sede de cinco aldeias Terena é a aldeia Cachoeirinha a 12 km de Miranda/ MS. A profa. Me. Isabel Ratund foi a responsável pelo intercambio por meio da igreja Luterana de Anastácio com os jovens Luteranos de Michigan/EUA, sem ela este projeto não seria possível ela é nossa parceira. Foram reunidas dezenove pessoas, oito jovens americanos na faixa etária entre 19 a 24 anos com o líder do grupo e onze brasileiros entre acadêmicos de letras do CPAQ-UFMS e professoras. Entre os acadêmicos de letras a metade já era interprete e os outros alunos participantes do projeto.

Como estava muito frio naquele dia e chovendo aguardamos algumas horas para a viagem até a aldeia, enquanto isto foram realizadas dinâmicas de entrosamento entre o grupo todo que trabalharia naquele dia nas atividades, todas previamente organizadas e planejadas e isso criou um clima de cumplicidade, amizade e disposição. Tudo foi pensado em grupo, os temas educativos, as praticas de criatividade e entretenimento, discutidos de forma dialógica. Levou-se em conta a experiência do ano anterior e os resultados obtidos do trabalho.

O trabalho no dia 30 de Maio foi na escola da aldeia Argola, o diretor aguardou o grupo com os professores de forma bastante receptiva. O grupo de trabalho se dividiu em três grupos e foram para as três salas de aulas dando inicio as apresentações divididas pela faixa etária de 8 a 10 anos, 11 a 13 anos, 14 a 15, perguntaram o nome de cada um e saber sobre eles, com timidez e depois descontrações terminavam rindo da abordagem. Na primeira sala passaram o vídeo sobre o tratamento com as pessoas, a educação a gentileza, na outra sobre amizade e respeito, e na outra o assunto era sexo, namoro, casamento devido ao grande numero de gestantes adolescentes na aldeia. Após todos assistirem ao conteúdo apresentado, os americanos com interpretes estimulavam a conversa sobre os assuntos e iam direcionando as orientações sobre o tema, todos sendo provocados a participar por meio de perguntas. Nas salas geraram amplos diálogos, risos, perguntas e respostas os interpretes foram fundamentais nessa etapa, a língua portuguesa e inglesa com algumas conversas paralelas da língua terena reinavam no lugar.

Conforme Ratund (2014) o professor de línguas não dispensa os conhecimentos relacionados ao contexto cultural da língua a qual desenvolve o seu trabalho, estes saberes



são complementares. As práticas intercomunicativas da língua inglesa e portuguesa propiciaram isso.

Em um segundo momento na sala de aula foi estimulada a criação artística na produção de pulseiras de sementes, sendo que quando prontas os americanos amarravam as pulseiras nos jovens e eles se sentiam admirados com o gesto gentil. Utilizaram material descartável também e confeccionaram óculos, com pratos, cola tesouras e lápis. Atividade criativa sempre associada a alguma aprendizagem aplicada relativa á mensagem educativa dos slides. Alguns poucos alunos ficaram agitados fora da sala, rindo, envergonhados e não participaram.

Sabemos a importância do incentivo a criação artística e ensino de artes para o desenvolvimento dos alunos segundo Silva (2012), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB- 1996) aponta que o ensino de Arte seja um componente curricular obrigatório em todos os níveis da educação básica. Reforçando os enunciados na LDB foram publicados pela Secretaria de Ensino Fundamental (SEF) órgão vinculado ao MEC, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN-1997) em 1997, destacando as diversas finalidades da Arte na formação dos educandos, como a compreensão, a manutenção e a divulgação da nossa cultura, incluindo a cultura indígena. Tendo como finalidade específica “promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Por isso não poderia faltar nas ações da escola o momento artístico.

Ao final outro momento importante o qual todos foram ao pátio para os jogos, a parte do entretenimento, professores americanos, tradutores, o coordenador e alunos agora eram um grupo só, pulavam corda, jogavam vôlei, jogavam balões para cima com um aluno cadeirante, os americanos levaram taco de beisebol formando uma imensa fila de indígenas para rebater o arremesso do líder americano, acertavam a tacada que para nossa surpresa muito se saíram bem nessa empreitada. Alguns professores mais velhos, o diretor e outros apenas olhavam de longe, aprovando a iniciativa. Ao redor de todos ao final da tarde estavam pais, irmãos, amigos, outros parentes, os professores do local, visitantes do grupo, todos envolvidos e querendo entrar na brincadeira, vários entraram. Um entrosamento surpreendente cuja língua, história de vida e cultura não fez diferença nessa hora.

Até que um apito soou era hora de encerrar as atividades na escola. A tristeza foi geral, não queriam ir embora, as meninas se abraçaram com as americanas e perguntavam



se iriam voltar, não soltaram as mãos ate entrarem na Van. Foram se despedindo, tristes. Os jovens americanos sentiram que a “missão” fora cumprida. Exaustos voltavam também todos para suas casas. Nós ficamos admirados com a interação respeitosa, amável acolhedora iniciada pelo grupo visitante e prontamente respondida por todos da escola. Temos a certeza que os princípios cristãos dos jovens Luteranos foram vivenciados verdadeiramente nessa ação educativa.

Candau (2008) sobre a perspectiva intercultural afirma que essa perspectiva deve promover a inter-relação entre diferentes grupos culturais em um determinado espaço geográfico. Concebe que a cultura esta sempre em processo de elaboração, construção e reconstrução. A autora defende uma posição que promova a educação para o reconhecimento e o diálogo com “o outro” entre os diferentes grupos sociais e culturais. Sendo assim acreditamos que a parceria buscou este alvo, nestas ações.

### 3 A INTERDISCIPLINARIDADE

A etimologia da palavra nos diz que Inter significa ação recíproca de um com o outro; disciplinar vem de *discere* que significa aprender, nos induz a entendermos a palavra Interdisciplinaridade não somente trabalho *entre disciplinas* como uma ação recíproca que promoveria uma qualidade de ação ou resultado conforme Rojas in Cintra (2014). Neste sentido também buscou-se o trabalho em equipe, a dialogicidade, a contribuição das ciências afins nas temáticas ensinadas nas salas de aula.

A interdisciplinaridade surge e desenvolve do próprio respeito de cada disciplina, para trabalhar dialogicamente, reflexivamente e relacionalmente. Sendo assim ha três formas de abordagem interdisciplinar no mundo, a lógica do sentido Europeia, a lógica da funcionalidade americana e a lógica da intencionalidade fenomenológica brasileira. A primeira bastante critica no plano ideológico, epistemológico e social da compreensão que permite recorrer aos saberes interdisciplinares. A segunda é mais pratica e funcional preocupada com questões sociais empíricas e atividades instrumentais nesse trabalho. Sabemos que o modelo Frances de ensino se ocupa com o saber, o conhecimento e o modelo americano com quem aprende o aluno. A perspectiva brasileira se ocupa com docente m seu agir, o professor e segue uma abordagem Fenomenológica. A Fenomenologia foca sobre a subjetividade dos sujeitos no mundo vida e sua



intersubjetividade; por meio dos depoimentos são analisadas palavras chaves do discurso. Desta forma a intencionalidade busca o autoconhecimento, o dialogo o saber ser no contexto que vive segundo Lenoir (2008).

A aprendizagem ocorre nas regiões em que as fronteiras se encontram, conforme Fazenda, (2001) “criam espaços de interseção onde eu e o outro sem abrir mãos de suas características e de sua diversidade abrimos-se disponíveis para as trocas e para a transformação”. Fazenda (2003) registra alguns fundamentos para a prática interdisciplinar dos professores: a atitude de tornar novo o velho, sem descartar, mas inovar e avançar; valorizar a memória, o vivido, a experiência; a parceria e dialogo com outras formas de conhecimento e interpretação delas; autoridade conquistada no encontro; o respeito; a resiliência. O trabalho interdisciplinar remete a equipe, a ações conjuntas, integrando áreas diversas do conhecimento, religando saberes, mudando praticas para melhorar o trabalho educativo. Neste sentido almejamos que as ações do projeto e encaixassem teórica e metodologicamente nessas premissas. Foram colocadas em ação as premissas, os princípios do trabalho interdisciplinar.

#### **4 O SER IGUAL OU DIFERENTE - IDENTIDADE**

Candau (2008) afirma que uma dada cultura por mais forte que seja é incompleta. È preciso desconstruir o universo do preconceito e da discriminação, valorizar as diferentes culturas, os diversos saberes e práticas e afirmar o direito a educação de todos. Para ela deve-se resgatar as identidades culturais, as histórias de vida das diferentes comunidades, individuais e coletivas. Evitar a ideia de culturas como blocos fechados, pois são dinâmicos, ocorrem novas configurações ou hibridismo. Por meio das interações não se precisa deixar de ser quem somos para conviver. Levar esta conscientização aos alunos tem sido tentativa dos professores nas escolas; não alcançando pleno êxito ainda.

Para Hall (2001) que analisou a questão em termos mundiais, as identidades modernas passam por um processo de deslocamento ocorrendo uma crise de identidade no mundo devido às mudanças rápidas em todas as áreas devido às interconexões no globo. Ele diz que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, a identidade se transforma à medida que os sistemas de significações e representações culturais se multiplicam rapidamente e nos atingem no dia a dia. Sendo assim a identidade é algo formado ao longo





do tempo através de processos inconscientes permanecendo incompleta sempre em processo. Somos historicamente a herança cultural dos nossos antepassados, a princípio a identidade cultural esta ligada a identidade nacional, língua, história, artes, educação, política etc.

Sabemos que os jovens Terenas como qualquer outro jovem passa pela fase de autoconhecimento e reconhecimento de si mesmo e do mundo, no contexto em que vivem. Na adolescência e juventude essa fase é normal de autoafirmação. Ficamos pensando sobre o olhar sobre o “outro”, a posição do indígena com relação à globalização e influência nas ideias e comportamentos, relativas ao âmbito mundial com o domínio da televisão, a internet, rádio, celulares etc.

No dia da ação fomos às entrevistas, em fenomenologia buscamos saber da percepção individual sobre o fato vivido. Depoimentos.

**Sujeito 1** - o diretor da escola disse: a vinda deles causou expectativas positivas que os alunos estavam aguardando ansiosos aqueles dias. Com certeza a visita iria despertar o interesse deles pela língua estrangeira para estudarem o inglês. Ao fim do dia comentou sobre o que se destacava para ele em suas observações: a *metodologia* que eles trabalharam. Falou ter certeza que os alunos seriam despertado a aprender outra língua, a inglesa no caso. Eu traduziria como método ativo, participativo, de envolvimento e interesse do professor por eles, de aproximação apesar das diferenças culturais e de quebrar a barreira da posição aluno e um professor inacessível.

Ele disse ainda que com as palestras eles melhoram nos relacionamentos, porque foi o segundo ano que vieram os grupos de americanos; eles diminuem os palavrões, a falta de respeito com as pessoas em geral. Falou na necessidade dos professores locais trabalharem melhor com planejamento que eles estavam em “construção” e que o encontro era muito positivo. No fim do dia disse que os jovens indígenas pediram para aprender beisebol na aldeia durante a semana, brincadeira que executaram com os visitantes.

**O Sujeito 2** - funcionaria da escola, afirmou que as atividades não atrapalham a rotina e sim que os alunos ficavam alegres com a presença deles e dos visitantes, que brincavam e aprendiam a criar coisas, lembrou que do outro grupo anterior haviam também recebido presentes e doces no ano passado.



**O Sujeito 3** - tradutor que foi pela segunda vez falou que eles melhoraram, eram mais fechados e menos educados; também corriam para longe deles eram ariscos, avessos. Uma criança o reconheceu do ano passado e ele ficou muito feliz.

**O Sujeito 4** - professor de História nos contou que o carinho e o respeito que sentiram uns pelos outros ao final do encontro criaram laços inesquecíveis nos alunos, a diferença dos visitantes foi à forma como abordaram, com simplicidade por serem de um grupo tão distante, uma cultura forte e dominante no mundo capitalista, mas foram especiais em suas ações.

Sabedores que os PCN/SEF (1997) sobre a pluralidade cultural para o ensino fundamental indicam que os alunos sejam capazes de:

Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (MEC/PCN, 1997, p.109)

Enxergamos a riqueza da oportunidade do encontro com outro grupo cultural, conhecendo também um pouco deles, ainda que em tempo curto, acreditamos que foi provocador de reflexões nos alunos indígenas sobre a própria língua, história, arte, música, costumes, etc. A reflexão sobre a identidade vai surgindo espontaneamente sobre quem somos neste mundo globalizado? De qual cultura somos formados? Que influencias recebemos?

Lembrando que a nação para Hall (2001) é uma comunidade simbólica é isso explica seu poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade a seu grupo. As culturas nacionais têm suas instituições culturais, símbolos e representações eles constroem sentidos que influenciam e organizam nossas ações quanto ao que concebemos de nós mesmos e nos identificamos construindo as identidades.

No mundo moderno as nações estão híbridas como é o caso da Europa principalmente. A globalização reforça isto, vão atraídos pelas mensagens do consumismo global e o desejo de parecer com o outro de uma cultura mais poderosa politicamente, rica e dominante.



A etnia é um termo para referir “a um povo”, a características culturais, língua, religião, costume, tradições e sentimento de “lugar” partilhado pelo povo. Ele trás também a situação mundial de um ressurgimento da etnia, ou seja, uma bandeira que se levanta em favor de uma identidade constituída e reafirmada que rejeita a assimilação cultural no sec. XX. O caso dos indígenas no Brasil tem se levantado para defender seus direitos, pedir justiça, pedir espaço e condições de vida, algumas reivindicações já conquistadas e mais que tudo pedir respeito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2014 estamos em estudos interdisciplinares no grupo GEPFIP com especial interesse pela pluralidade e diversidade cultural. Assim apresentamos parte da pesquisa em desenvolvimento desde 2015 e escrevemos sobre o encontro de maio de 2016.

Nossa perspectiva da História e educação, nosso “lugar” conforme Michel de Certeau posiciona o campo de reflexões, análises e a escrita historiográfica. Certeau (1982) diz que toda pesquisa se concretiza a partir de um lugar social e político no qual está inserido o pesquisador, desta forma a escrita se constrói influenciada pelas circunstâncias que permeiam o autor do trabalho. Nestas influencias estão também as limitações e domínios de interesses.

Neste lugar de produção o foco de nossos interesses foi a partir da problematização proposta, a identidade, as relações interculturais com visão ampla como Bloch indica com a contribuição das letras, artes, geografia, etc. Almejamos conhecer sempre mais da cultura regional, do estudo do local, da cidade e da aldeia, e suas inter-relações com o nacional, o internacional.

Condicionado a isto estão às teorias e referencias bibliográficos, os métodos e seus procedimentos, assim como as técnicas empíricas, etc. articuladas no projeto de vida acadêmica e em nosso projeto de vida; já que não temos como separar o ser professor do nosso ser pessoal. A fenomenologia afirma que no contexto da vivência buscamos para análises a essência na experiência em como se percebeu, sentiu cada fenômeno individual ou coletivo. Neste sentido realizamos este trabalho.

As atividades desenvolvidas não foram tradicionais, usaram as tecnologias por meio dos vídeos da internet para estimular as discussões, as aulas foram dialógicas, com



produção de material didático, e estimulado o aprendizado da língua inglesa. Os jovens americanos foram orientados a atitude interdisciplinar em seu agir, ouvir, na valorização do saber do outro, no trabalho em equipe, na parceria, na humildade, no respeito à autoridade, princípios que norteiam as ações do professor com conhecimento interdisciplinar.

Como acreditamos nessa argumentação, compartilhamos das ideais interações interculturais segundo Walsh in Candau (2008) como metas a serem alcançadas. Falam que as relações interculturais são dinâmicas, que há uma troca de comunicação e conhecimentos, que o respeito busca desenvolver um novo sentido entre as culturas diferentes e o quanto é importante reconhecer as diferenças e enfrenta-las. Cria-se assim modos de responsabilidade e solidariedade entre os grupos.

Diante dessas afirmativas constatamos que o encontro promovido na aldeia Argola entre grupos de diferentes culturas fomentou essa perspectiva, os resultados foram muito positivos para todos os envolvidos. As ações foram dinâmicas, cada um com sua identidade e cultura em construção e reconstrução, orientados por uma educação que estimula o reconhecimento e respeito pelo outro, por meio da comunicação que não interroga sobre diferenças. Um intercâmbio de saberes conhecimentos e praticas compartilhada sem imposição de poder sobre a cultura certa ou errada, a dominante ou dominada. Reconhecendo diferenças, mas buscando a solidariedade.

A interdisciplinaridade na perspectiva brasileira de ação e análise fenomenológica esteve presente na atitude do grupo visitante, que trabalhou no projeto regatando a autoestima dos alunos e desvelou aspectos pessoais de cada envolvido, deu a aula um novo vigor e interesse, porque o respeito e autoridade foi conquistado deste modo lançamos redes e contatos com o mundo, de determinado espaço e tempo com lugares distantes ou mais próximos para juntos repensarmos os saberes, a sociedade em sua caminhada humana.

Para análise utilizamos a fenomenologia e hermenêutica que trata do sujeito mediante a vivência resgatando o sentimento e a percepção dos envolvidos, por isso utilizamos parte dos depoimentos de quatro sujeitos. Conforme os sujeitos disseram selecionamos as palavras para análise: *expectativa; quebrar as barreiras culturais; despertar; aprender as línguas; conhecer; método; carinho; alegria, respeito.*



Podemos concluir que a comunicação pelas varias formas de linguagens foi o maior meio das interações, anterior a chegada havia uma espera ansiosa, no contato as línguas, o português, inglês e a língua terena; nas ações as músicas, os jogos como futebol e beisebol. O diretor falou do *método* de trabalho, o professor do *carinho* e a funcionaria da *alegria* em estar juntos entre outras coisas. Uma verdadeira interação. Como disse a aluna de Pratica de ensino de História ela não precisava deixar de ser quem ela era para estar no grupo da universidade. Na aldeia ninguém rejeitou sua própria identidade no contato com o outro, nem se sentiu rejeitado.

Sabemos que a identidade pessoal ou grupal é formada historicamente, e que o conceito de nação e etnia é muito importante para esta conscientização de quem somos e também de quem não somos. Essa identidade dos grupos não foi quebrada, todos a despeito de suas nacionalidades, língua, história, artes, educação, política etc. estavam abertos ao diálogo, não houve ali o grupo de poder sobre um grupo minoritário, a despeito das desigualdades econômicas. No encontro intercultural as culturas estavam em processo de elaboração, construção e reconstrução com base na educação e respeito os direitos humanos. O nosso aluno de História Terena também afirmou tenho orgulho de ser terena e não me envergonho! Este sentimento nós vimos na aldeia ninguém se envergonhou de ser quem era porque houve o respeito à condição social e a identidade um exercício de solidariedade e cidadania.

## REFERÊNCIAS

**BRASIL.** MEC/ SE. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural. Brasília, 1997.

**BRASIL.** MEC/SEF, 1997. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/1996).

**BRASIL.** MEC/Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro - Brasileira, Africana e Indígena, nos termos da Lei n.º 9.394/96, fundamentada no Parecer CNE/CP n.º 3/2004.

**BRASIL.** MEC/Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de História, conforme Parecer CNE/CES n.º 492, de 3 de abril de 2001, modificado pelo Parecer CNE/CES n.º 1.363, de 12 de dezembro de 2001.

BLOCH, Marc. **A apologia da História ou o ofício do Historiador.** Rio de Janeiro. Ed: Zahar, 2002.



BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989) a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

CANDAUI, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: tensões entre igualdade e diferença. **Revista brasileira de educação**. Vol. 13, no. 37 jan/abr. 2008.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**. tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CINTRA, Rosana Carla Gomes. (org.) **Desafios da prática docente na educação da infância. Pesquisas no cenário contemporâneo**. Ed: Oeste. Campo Grande/MS. 2014

FAZENDA, Ivani. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**, 2.ed. São Paulo, Ed.Cortez. 2001.

\_\_\_\_\_ **Historia teoria e pesquisa**. 11ed. Campinas, SP, Papirus, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2001.

LENOIR, Yves. Didática e interdisciplinaridade: Uma complementaridade necessária e incontornável. In FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.) **Didática e interdisciplinaridade**. 11 ed. Campinas, SP: Prós, 2008.

RATUND, Isabel. Abordagens interdisciplinares em processos de intercâmbios culturais entre Brasil e Estados Unidos. **Revista Diálogos Interdisciplinares – UFMS**. vol. 1, no.1, 2014.

SILVA, Ana Lucia, Gomes da. Interdisciplinaridade na temática indígena aspectos teóricos e práticos da educação, artes e cultura. **Tese - Doutorado em Educação**. São Paulo: PUC, 2013.

## MEIO ELETRÔNICO

IBGE. Instituto brasileiro de geografia e estatísticas. [www.indigenas.ibge.gov.br/](http://www.indigenas.ibge.gov.br/) acessado em junho de 2016.

BRASIL, Fundação nacional do índio- site [www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br) . Acessado maio de 2016.